

WLADIMIR OLIVIER

NO ETÉREO,
A POESIA É OUTRA

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, Irmão, que estes versos
provieram da Espiritualidade!

ÍNDICE

1. Caracterização poética
2. Temática
3. Exortação aos médiuns
4. Tomé
5. O deus dos exércitos
6. A obra de Jesus
7. A missão de Jesus
8. O sorriso de Jesus
9. Enfrentemos o mal
10. Caridade e versos
11. Trabalhar pelos irmãos
12. O valor dos versos
13. Necessidade do Espiritismo
14. O caminho do Espiritismo
15. Encarando o assassino
16. Consciência adentro
17. Num mundo em guerra
18. Aos socorristas
19. Tributo à dor
20. A poesia mediúnica
21. À revelia do médium
22. Decida-se pelos versos
23. Um exemplo
24. Outro exemplo
25. A felicidade do verso
26. Último pedido

1

CARACTERIZAÇÃO POÉTICA

As palavras não vêm fáceis,
Muito menos serão gráceis
Os versos que planejei,
Mas o roteiro é bem firme,
Quanto o evangelho confirme,
No cumprimento da lei.

Há um pouco de improviso,
Quando a solução diviso,
Com a ajuda do instrutor,
Pois tudo o que rascunhei
Não é palavra de rei:
Volto atrás p'ra recompor.

Questionarão os leitores
Por que nos dão os mentores
Permissão para tais temas.
Qual a importância da rima
Que reflete o nosso clima,
Na explicação dos problemas?

Aqui passaram poetas,

Com ideias mais completas
A respeito do estribilho.
Com palavras maviosas,
Compuseram suas glosas,
No esplendor de puro brilho.

É de obrigação o tema
Que demonstra o estratagema
Da formulação dos versos,
Para que os leitores sintam
Que os dramas que os seres pintam
Nunca hão de ser perversos.

Se existe boa vontade,
O prazer noss'alma invade
De exercitar a escritura,
Que os temas do sofrimento,
Pelo menos um momento,
Não ferem a criatura.

Quanto mais nos repetimos,
Bem mais julgamos opimos
Os gozos dos versos bons.
É que a originalidade
Nos prova a diversidade
Dos talentos e dos dons.

Repetimos não ser fácil
Fazer um poema grácil,
Com rima tão conhecida.
Tal como nos *Evangelhos*,
Os ensinamentos são bem velhos,
Mas poucos mudam de vida...

O que gosta de panqueca

Deste lado *perereca*,
Buscando satisfação.
É que o gosto lá da Terra
Lá começa e lá se encerra:
Cá é outra a vibração.

Quem não compreende este ensino
Arrisca-se a desatino,
Julgando-se injustiçado.
Perca tempo, mais um pouco,
Mas veja que não é louco
Quem não quis ficar calado.

São lições bem simplesinhas,
Sobre as coisas comezinhas
Que se passam cá no etéreo.
Se lhes damos agasalho,
Perfilhando este trabalho,
É que o tema é muito sério.

Quando o momento é oportuno,
Sutil como um bom gatuno,
Vou convocar a Jesus,
Sabendo que mais se apruma,
Sem dificuldade alguma,
A rima cheia de luz.

A arte de fazer versos
Com tais temas controversos
É mais simples que se pensa,
Entretanto, os bons amigos
Com sentimentos antigos,
Não haverá quem convença.

Se brinco com este assunto,

Para muitos sou defunto
E prossigo muito morto.
Quero dar sinal de vida,
Mas não aponto a saída,
Num versejar bronco e torto.

— *Onde estão as sutilezas,
A nos causar estranhezas
De estéticas invenções?
O povo que cá está vivo
É muito mais criativo,
No trato das escansões.*

Eu faço tudo o que posso.
Quando não sei, eu endosso
O que me propõe a grei.
As grandezas literárias
Não passam de funerárias:
Neste espaço, essa é a lei.

Para que lograr o povo,
Se este ensino não é novo.
É mera repetição?
Se Jesus voltasse à Terra,
Não seria outra a guerra,
Na busca da perfeição.

Em **-ão**, se dão nossas rimas
Onde as lições mais opimas
Demonstram simplicidade.
Em **-ade**, se dão aquelas
Dentre todas as mais belas:
Perfeição-felicidade.

Mantenhamos alto o tónus,

Para receber o bônus
Pela hora de trabalho,
Pois o nosso compromisso
É ir ao fim do serviço,
Sem que seja quebra-galho.

É preciso dar à gente
A certeza que não mente
Este emissário do etéreo,
Senão vão pensar que o bom,
Pela miséria do som,
Ficou lá no cemitério.

Mas, se existe seriedade,
Também a alegria invade
O coração do poeta,
Quando vê tantas sextilhas
Amontoadas em pilhas,
Na obra quase completa.

Que sentiria o amigo,
Se partilhasse comigo
Esta feliz conclusão?
Agradeceria a Deus,
Em linda prece de adeus,
Chorando no coração?

Então, participe agora,
Pois este poeta ora,
Da forma que melhor sabe:
Em simples versos de amor
Aos próximos e ao Senhor,
Antes que o tempo se acabe.

Protege, ó Pai, esta gente

Que tanto amor por ti sente,
Conquanto tão imperfeita.
Não consideres os versos,
Mas os sentidos imersos,
E a pobre oração aceita!

2

TEMÁTICA

Vamos trabalhar com gosto,
Para honra do bom posto
Desta *Escolinha* querida,
Co'alegria permanente,
A dar entusiasmo à gente,
Para enfrentar sua vida.

Fique bem atento o médium,
Favorecendo este assédio
Dos seus amigos do etéreo,
Pois os temas que trazemos
Vão levar aos bens supremos
Escondidos no mistério.

Vamos falar das virtudes,
A exigir das atitudes
Que se respeite a moral,
Não aquela dos carolas,
Nem, ao menos, das escolas,
Mas do todo universal.

Deus criou nossa existência
E demarcou a frequência

Desta essência da matéria.
Instemos por respeitá-la,
Pois, do contrário, se abala
Quem vir nela só miséria.

Essa é a maior das virtudes:
Respeitar as concretudes
De criação tão sublime,
Vendo o Pai em todo o canto,
Sem se envolver nesse encanto,
Que materialismo é crime.

Ter amor a criatura
É a forma mais segura
De alcançar maior sucesso,
Primeiro ao bom Criador,
Depois ao irmão na dor,
Que é o caminho do progresso.

E, se alguém fizer-lhe mal,
Vai condená-lo ao Umbral
Ou amá-lo, mesmo assim?
Aí nos surge Jesus,
A pôr nesse ponto luz,
Pois amou até o fim.

Que fazer num caso desse,
Se triste crime ocorresse,
Com vingança, sangue e morte?
Vamos dar ao coração
A energia do perdão,
P'ra que o círculo se corte.

Cada ser é bom amigo
A quem damos nosso abrigo,

Se carente desse auxílio,
Pois a ninguém se compreende
Que o desamor recomende
Despachar em triste exílio.

Outra virtude da alma
É estudar, em paz e calma,
Os pontos da sã Doutrina,
Para chegar à verdade,
Pois o sábio sempre há-de
Respeitar o que se ensina.

A obra kardeciana
É leitura que engalana
A mente dos bons mortais,
Mas é preciso cuidado:
Quem está despreparado
Pode atrapalhar-se mais.

Assim, o melhor recurso
É matricular-se em curso
Para ficar mais por dentro.
Isto é fácil de encontrar,
Que existe em todo lugar
Os serviços de um bom Centro.

As leituras e esse estudo
Desvendam o conteúdo
De muito tema específico.
Quem quiser se aprofundar
Tem de ir mais devagar,
Ao lhe dar cunho científico.

Nessa hora, é que a humildade
Tranca a porta da vaidade,

Que o saber não vale nada,
Sem que o ente sinta o gozo
De um trabalho generoso,
Que amor alheio arrecada.

Caro amigo, não se iluda
Com nossa pequena ajuda:
Há muito mais por fazer.
Ultrapasse os simples versos,
Esqueça que são perversos
E vá cumprir seu dever.

Agradeça a vida ao Pai,
Pois tal prece sempre atrai
As bênçãos do Onipotente.
Faça tudo com consciência,
Demonstre às leis obediência,
Seja bom e siga em frente.

3

EXORTAÇÃO AOS MÉDIUNS

Não desanime, colega:
Quem tem medo sempre alega
Falta de capacidade.
Mas, no final do trabalho,
Ao revirar o borralho,
Haverá o que lhe agrade.

Tudo na vida é assim,
Com princípio, meio e fim,
Desenvolvimento prático.
No comecinho, há temores;
O meio nos causa dores;
O final é mais simpático.

Esta poesia de agora,
Dentro em breve, não demora,
Chegará ao seu final.
Enquanto isso, contudo,
Ao dispor o conteúdo,
Hesitação é normal.

É preciso concentrar-se,
Nesta espécie de catarse

Que exige a mediunidade.
Quem é muito responsável
Torna o tempo aproveitável
E nos serve com bondade.

Com bom método, se enseja
Uma lição benfazeja
Traduzida na mensagem.
Quem confia que o etéreo
Possa trabalhar bem sério
Jamais vai perder viagem.

Não se sentirá tentado
A pôr o livro de lado,
P'ra começar a escrever,
Rascunhando uns pobres versos
Com ares falsos, perversos,
Mas que lhe darão prazer?

O começar é bem triste,
Mas só vence quem insiste
No aborrecer o perigo.
E, se depender do etéreo
(Vou dizer-lhe sem mistério),
Vai poder contar comigo.

Esse *-migo* aí de cima
Vem para efeito da rima,
Mas quer dizer todos nós,
Que estamos esperançados
De mandar aos encarnados
Os sons desta nossa voz.

Que pensará nosso irmão
Das noções que aqui se dão,

Para a formação do médium?
Acha tudo complicado
Ou assunta no recado
E não se assusta co'assédio?

Acha a tal linguagem fútil,
Barata, insossa e inútil
Para os termos do evangelho?
Preferiria colher
Os exemplos do dever,
No firme sistema velho?

Qualquer médium tem proveito,
Pois quem trabalha no eito
Há de produzir bons frutos.
Basta espantar desde cedo
Aqueles monstros do medo
E crescer nos atributos.

Dependendo do seu jeito,
Um bom treinamento é feito
Para formar seu caráter.
O princípio da Doutrina
É semeado e germina,
P'ra dar a *celula mater*.

Acompanhamos de perto,
Pois queremos ver dar certo
O trabalho planejado.
Nada mais desagradável
Que um desejo incontrolável,
Num bom projeto frustrado.

— *Haja em tudo disciplina!* —,
A sabedoria ensina

Aos alunos e aos mentores.
Quem lê, porém, a poesia
E não gosta da harmonia
Não percebeu nossas dores.

Preste, pois, toda a atenção,
Para que não diga *não*,
Diante do testemunho.
Deixe a mente bem aberta,
Ponha o coração alerta
E facilite o seu punho.

Mas, antes de começar,
Concentre-se devagar,
Recitando as orações,
Após ter lido um trechinho,
Com prazer e com carinho,
Dum livro de exortações.

É que a moral é importante.
É ela quem nos garante
A boa intermediação.
Com orgulho e com vaidade,
Somente se persuade
Quem tem igual vibração.

Durante o trabalho intenso,
Não vá pensar: — *Eu só venço*
Com espíritos de luz.
Muito médium se perdeu,
Transformando-se em ateu,
Por não lograr ter Jesus.

Em simples versos ou prosa,
Co'algum talento, se glosa

Os ensinos superiores.
Havendo um pouco de ardor,
É possível de compor
Uma página de amores.

Os gênios não vão gostar,
Pois há frutos no pomar
Saborosos e maduros.
Os nossos são verdolengos,
Mas quem promove os tais dengos
É sinal que já são puros.

Não vão precisar de nós,
Pois seria triste e atroz
Que os bons voltassem p'ra trás.
O mais certo, então, seria
Que deixassem esta poesia
P'ra quem não é tão capaz.

Seria, assim, de proveito
Até trabalho imperfeito
Como este que fazemos.
Se o barco vai devagar,
Nem por isso vem provar
Que não suamos nos remos.

Seja, pois, condescendente
E aplauda mais fortemente
Quem lhes dá tudo o que pode.
Com o tempo, os exercícios
Vão eliminando os vícios:
Assim Jesus nos acode.

Nesta última demanda,
Não lhe parece que a banda

Estronda em apoteose?
Será tanta esta alegria
Que dela ninguém faria
Uma simples diagnose!

Aceite-nos o convite,
Não diga *não*, não hesite,
É um futuro promissor,
Pois receberá do Pai
Riqueza que não se esvai:
É semeadura de amor.

4

TOMÉ

Jesus convocou Tomé.
Perguntou-lhe como é
A certeza da verdade.
Tomé, diante do Mestre,
Como pobre ser terrestre,
Espaireceu a vaidade.

Jesus sorriu com doçura,
Percebendo a criatura
Completamente enleada
E, sem fazer escarcéu,
Apontou-lhe para o Céu,
Não lhe dizendo mais nada.

Levou tempo o caro amigo
A se livrar do perigo
De cair na tentação
De julgar-se superior,
Pois queria dar valor
Aos juízos da razão.

Jesus lhe dava os sinais,
Nos milagres colossais
Do atendimento às doenças.

Mas Tomé sentia orgulho
De não ouvir o barulho
Do tinir das novas crenças.

Era rijo de caráter:
Moisés, a *celula mater*,
Trouxera-lhe a salvação.
E seguia os mandamentos
Das leis, com seus complementos,
Sem compreender o perdão.

Mas amava o Nazareno,
Sempre bondoso e sereno,
Nas explicações gentis,
Seguindo suas lições,
Sem sentir contradições,
Que os temas eram sutis.

Ao ver o Mestre na cruz,
Apagou-se-lhe essa luz,
Pois queria que vencesse
A luta contra os maldosos,
Na antecipação dos gozos:
Seu ideal era esse.

Chorou desesperançado,
Como chora um bom soldado
A morte do comandante.
Desacreditou da vida
Que lhe fora referida:
Era Jesus um farsante.

— *Jesus vive!* — alguém lhe disse,
Mas julgou pura tolice:
— *Ninguém tem esse poder!*

Tanta coisa acontecera
Que o pobre não percebera:
Queria ver para crer.

— *Tomé!, Tomé!...* — Ihe dizia
Uma vozinha macia,
Bem no fundo da consciência.
Mas o cérebro vetusto
Exigia a todo custo
A razão da interferência.

Reunidos, horas mortas,
Fechadas todas as portas,
Jesus lhes apareceu,
E quis provar a Tomé,
Para lhe manter a fé,
Que à morte a vida venceu.

Fê-lo tocar nas feridas,
Indagando: — *Inda duvidas
De que tenho esse poder?
Se acreditas, por me veres,
Benditos todos os seres
Que acreditarem sem ver!*

Sirva-nos a tal lição,
Pois bons exemplos nos são
As indecisões alheias.
Agora, após dois mil anos,
Evitemos os enganos
Desse *ver-p'ra-crer* sem peias.

Reverenciemos Tomé,
Que nos mostrou como é
Que Jesus nos ouve a voz.

Vamos orar p'ra que a luz
Que ao reino do Pai conduz
Não se apague mais p'ra nós.

5

O DEUS DOS EXÉRCITOS

A tendência dos judeus
Era acreditarem Deus
Um protetor turbulento,
Que matava os inimigos,
Que eliminava os perigos,
Desabrido e violento.

Jesus chegou de mansinho,
Distribuindo carinho,
Tudo em nome do Senhor.
Quis perdoar o inimigo,
Demonstrando que o perigo
Estava no desamor.

Quem ouviu a tal lição,
A alma em ebulição,
Rejeitou o ensinamento.
Quem serenou a vontade,
Praticando a caridade,
Melhorou o sentimento.

Como traz o coração
O nosso querido irmão
Que nos lê com tal carinho?

Tenta sentir emoção,
Ou detesta rima em **-ão**,
Nas agruras deste espinho?

Sacrificamos os versos.
Fizemo-los mais perversos,
A testar nosso escrevente.
Mudamos até de assunto,
Para ver se chega junto,
Nestas vibrações que sente.

Se Jesus nos auxiliasse,
Não existiria impasse:
As rimas vinham perfeitas.
O nosso médium diria
Ser completa essa alegria,
Sem tremores de maleitas.

O coitado entristeceu,
Pensando que fosse seu
O desperdício da rima.
É que a turma deu-lhe duro,
P'ra que estivesse seguro
Da extensão da nossa estima.

Se Jesus nos alertasse,
Toda vez que alguém errasse,
Chamá-lo-íamos *chato*.
É o que se passa conosco,
Aqui presos neste enrosco,
Quando o médium *paga o pato*.

Como agiria um judeu,
Vendo que o verso não deu
Devido respeito ao Pai?

Olharia para o céu,
Esperando um escarcéu
De um relâmpago que cai?

Destruiria o poema,
Numa ebulição suprema,
Em nome do Criador?
Ou estenderia a mão,
Sabendo que os entes vão
Melhor estrofe compor?

Eis a grande diferença
Entre uma e outra crença,
Entre o rancor e o amor:
Quem ama sempre perdoa,
Mesmo quando não é boa
A rima que quis dispor.

Por que falamos dos versos?
É que os dons não são dispersos:
O que se faz tem valor.
Todo momento na vida,
Com boa rima ou falida,
Vai valer, seja onde for.

Tomamos todo cuidado,
Ao passar este recado:
Não queremos fracassar.
Quem no verso titubeia
E maus conceitos permeia,
Caminha mais devagar.

Se não quiser vir ao mundo
Com sofrimento profundo,
Faça sempre a coisa certa:

Pense em Deus com muito amor;
Tenha em Jesus seu mentor;
Nas ações, esteja alerta.

Cada pequeno trabalho
Representa um bom atalho
Para o círculo seguinte,
Mas, se feito com capricho,
Pois, se for apenas lixo,
Será tido como acinte.

Eis o que nos põe com medo.
Se estiver o verso azedo,
Vão pensar em desperdício.
Mas versejar é preciso:
Na busca do Paraíso,
É um ótimo exercício.

Como há de ser a poesia?
Há de mostrar a alegria,
Por termos Jesus presente.
Choramíngos, nesta hora,
É revelar que se adora
Aquele deus prepotente.

Qualquer estrofe é bem-vinda,
Qualquer rima será linda,
Qualquer tema tem mais luz,
Quando o nosso coração
A tudo der seu perdão,
Como nos pediu Jesus.

Não correremos perigo,
Ao transformar o inimigo
Em aliado na luta,

Dês que sempre confiemos
Em dar a Jesus os remos,
Sem ódio e sem força bruta.

Se os errados formos nós,
Façamos ouvir a voz
Do sábio arrependimento,
Pois nada mais cansativo
De ter alguém vingativo
Como causa de tormento.

Sendo assim, o seu perdão
Pedimos, com emoção,
Pelas facécias do mote,
E pelo tempo perdido
De um dever tão mal cumprido.
Demos truco. Deu *capote*.

Ao Mestre vamos rogar
Que nos releve este azar,
No jogo triste da rima.
Com Jesus no coração,
Até os que mais perdem vão
Receber a sua estima.

Graças a Deus, terminamos.
Umhas frutas destes ramos
Pendem maduras, gostosas.
Mas muitas, verdes ainda,
Mostram que a luta não finda,
No exercício destas glosas.

Com paciência, os bons leitores
Hão de entender nossas dores,
Por nos julgarmos mui rudes.

Leiam, depois, bons poetas,
Para serem mais completas
As lições destas virtudes.

6

A OBRA DE JESUS

Conheceu Jesus, um dia,
O bom valor da poesia
E se pôs a divagar:
— *Como o povo evoluiria,
Com os sons da melodia,
Sob a Lua, junto ao mar!*

Mas pensou também que a vida
É campo de luta ardida,
No combate contra o erro,
Que existe quem tenha medo,
Quem do mal guarde segredo,
Quem curta triste desterro.

— *Não haverá salvação,
Se a tal lei de talião
Continuar vigorando.
Vamos dar a cada irmão
Clara ideia do perdão,
Como bem admirando.*

Deu as costas ao deserto,
Que se estendia ali perto
Até se perder de vista,

E seguiu, rumo à cidade,
Pensando que a caridade
Era virtude benquista.

Fez os cegos enxergarem,
Entrevados se aprumarem.
Ressuscitou alguns mortos.
Era seu objetivo
Que quem estivesse vivo
Divisasse novos portos.

Até hoje se exercita
Quem o evangelho recita.
A enxergar quem era cego,
A se aprumar o entrevado,
A volver reencarnado
Quem disser: — *Ao bem me entrego!*

— *Acreditar em milagres?*
Nem mesmo que te consagres
De corpo e alma ao trabalho.
*O que consta no **Evangelho***
É aquele recurso velho,
Como o blefe do baralho.

— *Jesus não curou ninguém,*
Nem ressuscitou também:
Isso tudo é figurado.
Quem compôs as escrituras
Foram hábeis criaturas.
Eu não serei enganado!

Pois, se tudo é só imagem,
Acredite na mensagem
Da Boa Nova de luz.

Abra os olhos para o amor,
Caminhe com destemor,
Ressuscite com Jesus.

Acredite que a poesia,
Se pudesse, lhe daria
Completa felicidade.
Mas, com nossos pobres versos,
Nestes sons rudes, perversos,
Entusiasmar-se quem há-de?

Jesus ama com ternura
Quem mantenha a alma pura,
E prossegue a divagar:
— *Como o povo evoluiria,*
Ao recitar a poesia,
Contemplando Lua e mar!

Dando as costas ao deserto,
Faça o bem e esteja certo
De receber galardão,
Mas, sem pensamento tosco,
P'ra que não caia no enrosco
De dizer ao Mestre: — *Não!*

Faça dos irmãos a rima
Com que Jesus nos estima,
Na melodia do amor,
E, no tema da ciência,
Faça versos com frequência,
Para alcançar seu valor.

Instrução e caridade:
É como Kardec invade
A praia em que divagamos.

Mas o bom Espiritismo
Exige-nos pragmatismo:
— *Quer bons frutos? Pode os ramos!*

— *Mas eu não tenho certeza
De que a chama esteja acesa,
Quando o dia escurecer.
Se não gozar nesta vida,
Quem garante que há saída
Para depois que eu morrer?*

— *Como saber de outros portos?*
Perguntando aos que estão mortos:
Cá viemos para isso.
Não faça essa cara pasma.
Quem lhe fala é um fantasma
Que assumiu tal compromisso.

— *Quem apagou minha vela?*
— *Quem fechou minha janela?*
— *Quem me prendeu cá no Hades?*
São perguntas dessa gente
Que aqui chegou descontente,
Da matéria com saudades.

Que se cumpra o bom dever,
P'ra se evitar o sofrer,
Que a consciência sempre acusa
Quem deteve a informação
E seguiu dizendo *não*:
Quem conhece não abusa.

Aqui se encerra o expediente,
Estando o povo contente
Com a poesia que fez.

Estabelecida a quota,
Boa postura se adota,
Para voltar outra vez.

Agradecendo ao Senhor,
Pomo-nos ao seu dispor,
Para as orações de praxe.
Mas não caiamos no abismo
De rezar sem otimismo.
Sendo assim, jamais relaxe.

Senhor, aceitai o povo
Que se atreve aqui de novo
A vos implorar perdão
Pelos versos tão sem graça,
Pela sensação que passa
De ócio a malversação.

Despertai o nosso amigo,
Para evitar o perigo
De se sentir superior.
Humildade é desafio
Que nos exige mais brio,
Estejamos onde for.

Abençoi ao que sofre,
A todos abri o cofre
Das infinitas benesses.
Aceitai a pobre reza,
Que é o que a turma aqui mais preza,
Nas primícias destas messes.

7

A MISSÃO DE JESUS

Ao ouvir Jesus o grito
De seu povo tão aflito,
Pensou logo em auxiliar.
Chamou uns anjos de guarda
E lhes disse: — *Já não tarda*
O evangelho a se espraçar.

Mandou vir a anunciação.
Gabriel, com seu bordão,
Fez-se presente a Maria.
E lhe disse que seu filho
Iria ter todo o brilho
Que ninguém jamais teria.

Onde estava quem seria
O pai que Jesus queria
Brindar com honra tão santa?
Um bom homem, carpinteiro,
José, na lei o primeiro,
Que com o fato se encanta.

Tinha José outros filhos.

Acenderiam rastilhos
De inveja, rancor, má-fé?
Era preciso que a vida
Providenciasse guarida
A toda a clã de José.

Qual o melhor agasalho?
Era não faltar trabalho,
Para ser-lhe farta a mesa.
Enquanto cresce Jesus,
José os filhos conduz
A perceber tal riqueza.

Mas Jesus era esquisito
E punha José aflito,
Na exposição das ideias.
P'ra tudo tinha resposta
Com que seu pai não desgosta:
Verdadeiras panaceias.

Ajudava na oficina
E falava da Doutrina,
Interessando os irmãos.
Mas percebeu que, calados,
Iam sendo separados:
Os temas lhes eram vãos.

Queriam ganhar a vida,
Mantendo a família unida,
Em doce felicidade.
Aquilo que o irmão dizia
Claramente induziria
A buscar outra verdade.

Jovem ainda, em bom treino,

Quis mencionar outro reino,
Em que seria senhor.
Mas calou-se, tendo em vista,
Que não seria benquista
A exposição superior.

Foi aí que teve origem
A fala que dá vertigem
Pela rudeza do trato:
— *P'ra vos unir, eu não vim!* —
Querendo mostrar assim
A que viera de fato.

Separou-se da família,
Mantendo firme a vigília
Do domínio sobre a dor.
Precisava ser bem forte,
Sabendo próxima a morte
Que o destino ia compor.

Peregrinou pelo mundo.
Não hesitou um segundo
A pregar a salvação.
Desafiou os amigos
Com pensamentos antigos,
Ao lhes falar do perdão.

Meditava em locais ermos,
Trabalhava com enfermos,
Palestrava nas montanhas,
Atravessou vários mares,
Conheceu muitos lugares,
E teve visões estranhas.

Combateu a religião

Pela lei de talião
Que se impunha sobre a grei.
Publicanos, fariseus,
Conheceram o bom Deus,
Através de sua lei.

Mas os negócios falhavam:
Muitos já não lhes pagavam
O preço do paraíso.
Com Jesus, tudo era certo:
Falava de peito aberto;
Só lhes pedia juízo.

E multiplicava os pães,
E dava consolo às mães,
Tudo fazendo de graça.
Enaltecia o estrangeiro,
Dando valor ao dinheiro:
Eram irmãos de outra raça.

A muitos, causou rancor;
De tantos, só teve amor:
Era forte a divisão.
Pai e filho discutiam;
Sogra e nora não se viam;
Irmão rejeitava irmão.

— *P'ra vos unir, eu não vim!* —,
Repetiu até o fim
E ainda se ouve a voz.
Mas agora não é treino,
Pois Jesus está no Reino,
De onde zela por nós.

A seu lado estão José,

Maria, João, Tomé,
Pedro e até Iscariote.
Fariseus também estão,
Cada irmão com seu irmão,
Pois já não fazem boicote.

Quem não uniu cá na Terra,
Tendo gerado essa guerra
Que persiste até agora,
No Céu, formou legião,
Com seu amor-união,
Pois sua lei lá vigora.

Façamos por entender
Como se dá tal poder
No trabalho que redime.
Agradeçamos ao Pai
Por sabermos que se extrai
Dessa lei amor sublime.

Quem estiver inda aflito
Já não lance forte grito,
Pois Jesus nos atendeu.
Reflita sobre o destino,
Não caia no desatino
Daquele povo judeu.

Já está ficando bem velho
O registro do evangelho:
Não há que desesperar.
Controle o seu sentimento,
Pense na lei um momento:
Verá o amor se espriar.

8

O SORRISO DE JESUS

Jesus em silêncio orava,
Avançando a hora oitava,
A descansar do bulício.
Tanto bom conselho dera,
Amansara tanta fera,
A recriminar o vício.

Mas não estava contente,
Que o pessoal, simplesmente,
Só buscava mais vantagens.
Ao dizer: — *Não peques mais!* —,
Pareciam sempre iguais
As faces das personagens.

Naquele dia, entretanto,
Gemia um pobre, num canto,
Sem se atrever a falar.
Compreendera o que fizera
E já não tinha outra espera:
Morreria devagar.

A consciência o acusava,
Então colocou a trava:
Aceitaria o castigo.
Viu Jesus aproximar-se,
Mas não queria a catarse
E meditava consigo:

— *Se me aumentar esta vida,
Acréscenará à lida
Os riscos doutro pecado.
Se sofro tanto com pouco,
Com muitos, acabo louco.
Por favor, passe de lado!*

Percebeu Jesus o impasse,
Pois, se o pobre não salvasse,
Não cumpriria o dever.
E, se lhe desse saúde,
Não teria ele a virtude
Desse fato compreender.

Perpassou a vida alheia
E viu tanta coisa feia
Esquecida da consciência.
E o coitado que sofria,
Sem qualquer hipocrisia,
Demonstrava ter paciência.

Passou adiante Jesus,
Deixando ao pobre a tal cruz,
Mas sorriu-lhe na passagem,
Transmitindo o pensamento
De que mais cresce o tormento
A quem não ouve a mensagem.

Entendeu o pobre o drama
E alegre pranto derrama:
Jesus o havia curado.
Mas não fez estardalhaço,
Esqueceu-se do fracasso
E partiu determinado.

— *Eis aí a salvação
De quem a si dá perdão,
Resolvido a redimir-se.
Era preciso que o irmão
Recebesse um empurrão,
Para, no amor, decidir-se.*

Consolou-se, então, Jesus,
Co' o pensamento de luz,
Sentindo vibrar o etéreo.
E agradeceu ao Senhor
A lembrança do valor
De quem trabalha tão sério.

Quis desvendar o futuro,
Para sentir-se seguro
De que o povo evoluiria.
Não foi tão longe, porém,
Pois sabia muito bem
Que a lei do Pai se cumpria.

— *Se a multidão quer sofrer,
Rejeitando o seu dever
Perante as leis do Senhor,
Ao lhe dar o meu exemplo,
Estarei fundando um templo
De paz, de fé e de amor.*

Registramos, nestas lavras,
Sem jeito, certas palavras,
Reproduzindo Jesus.
Temos, porém, a consciência
De que nos falta a ciência
Que a Verdade reproduz.

Mas, na ausência de juízo,
Lembramo-nos do sorriso
Que Jesus mandou ao pobre.
Saímos determinado
A poetar com cuidado:
Mais que isso não nos cobre.

O porvir não causa medo
Para quem sabe o segredo
Do perdoar, dom divino.
Se foi grande a desventura,
Também fizemos a jura
De cantar Jesus em hino.

Sobrou um alho na réstia:
É o sinal desta modéstia,
Que traduzimos em verso.
Se Jesus nos estimula,
É o nosso céu que se azula,
São estrelas no universo.

Nas angústias do infortúnio,
Pense a noite em plenilúnio,
Jesus à beira do mar,
Descansando dos serviços,
Lembrando dos compromissos

De a todos nós vir salvar.

Se você se desespera,
O Mestre, na sua esfera,
Vai lembrar-se, com certeza,
Que bastará um sorriso
P'ra você criar juízo
E pôr na vida beleza.

Se for grande o desencanto,
Se você sofre num canto,
E sente o Mestre passando,
Reaja logo, que a dor
Há de aumentar seu teor,
Mais remorso acrescentando.

Faça como nestes versos,
Que se arriscam, tão perversos,
Mas demonstram decisão.
Não precisa ser sublime,
Mas o coração redime
Quem capricha na escansão.

Quem entendeu o recado
Perdoará o pecado,
Que o futuro a Deus pertence.
É conhecimento velho
Que, ao se seguir o evangelho,
Todo o mal a gente vence.

Não se perca por tão pouco,
Ao fazer ouvido mouco
À mensagem de Jesus.
Enquanto a tarde declina,
O bom Mestre nos ensina

O caminho para a Luz.

9

ENFRENTAMOS O MAL

Na hora da despedida,
Ao relembrar toda a vida,
Sonhamos co'o paraíso.
Mas, se as lembranças são feias,
Negras aranhas nas teias,
Vamos perder o juízo.

Sacrifícios poderão
Atenuar a visão,
Catastrófico mistério.
Abramos mão dos tesouros,
Pois não existem desdouros
Em irmos pobres p'ro etéreo.

— *Então, p'ra que trabalhar,
Se nada vamos levar
De tudo o que produzimos?*
Isso não é bem verdade,
Pois praticar caridade
É enriquecer lá nos imos.

Jesus falou das riquezas,

Incorruptíveis grandezas
Que jamais se desfarão.
Não as estragam as traças,
Não hão de sofrer trapaças,
No cofre do coração.

Dar a quem não tem é tudo,
Do que não sobra, contudo,
Que é fácil dar do sobejo.
Sacrifícios são bem-vindos,
Para que sejam mais lindos
Os primores do desejo.

Se aqui chegarmos de luto,
Por ter sido muito bruto
O entrevero dessa lida,
Busquemos a perfeição
De guardar no coração
O melhor de nossa vida.

O sentimento-virtude
Vai resultar da atitude
Com que enfrentarmos o mal.
Se o julgarmos existente,
Encaremo-lo de frente:
Algum temor é normal.

Mas as preces, p'ra noss'alma,
Vão representar a calma
De quem bem sabe o que faz.
Se tivermos essa força,
Não haverá quem nos torça
Nossos projetos de paz.

Ao contrário, é Jesus vivo

Que se tem por objetivo,
Na imitação do evangelho.
Sacrifícios poderosos,
A postergar nossos gozos:
Anseios de um homem velho.

Se subirmos a ladeira,
Chegaremos à clareira
Que nos abriram os santos.
Queremos ser os primeiros,
Mas partiram, pioneiros,
Milhões, de todos os cantos.

Isso dá tranquilidade,
Pois é de Deus a bondade
Do resgate redentor.
Quem quiser fazer *fosquinha*
Não há de *tirar farinha*,
Seja esperto quanto for.

Jesus pregou na montanha.
A multidão toda assanha,
Querendo no Reino entrar.
Os pobres foram honrados,
Os humildes, exaltados,
O bom, modelo exemplar.

No final daquela tarde,
O só coração que arde
É do nobre benfeitor.
Mas ficou impressionado
Quem deixou tudo anotado,
Do evangelho esse escritor.

Como seria hoje o mundo,

Se ninguém sentisse fundo
As palavras de Jesus,
E nada disso escrevesse,
P'ra que todo o povo lesse
E se lhe fizesse a Luz?

Veja quanto é importante
O que essa escrita garante,
No estudo de cada dia:
O padre, em seu breviário,
E, lá na missa, o vigário,
No sermão, explicaria.

No bom momento da morte,
Desejamos melhor sorte
Para quem falhou na outiva.
Mas muito não prometemos:
Só com calos vão os remos.
Não há luvas nessa estiva.

Quem executa o que pode
Em felicidade explode,
Ao chegar ao nosso plano.
Vai encontrar bom abrigo,
Pois não existe o perigo
De haver um único engano.

Para lembrar a vida,
Não só a morte convida,
Mas a consciência desperta,
Para dar tempo a que a gente,
Caso desculpas invente,
Faça sempre a coisa certa.

Nos sonhos de antigamente,

Ficava o homem contente
Em ter família e saúde.
Ao trabalhar com afinco,
Deixava su'alma um brinco,
Desenvolvendo a virtude.

Se for assim que se pensa,
Não há por que não se vença
A principal tentação,
Dando às pessoas carinho,
Pois das fibras desse linho
É que se faz o perdão.

Degenerescência agora
A inferioridade explora,
Nas guerras tristes do Umbral.
Integridade é poder
A elevar o nosso ser:
Viagem transcendental.

Artifícios, nestes versos,
Hão de ser também dispersos,
No exame de quem tem tino.
A linguagem figurada
Vira pó ou quase nada,
Se vem de Jesus o ensino.

Senhor Deus, nosso universo
Em segredos vem imerso,
Para a nossa pobre mente.
Perdoai, pois, o que teme
E não conduz bem o leme,
Mas encara o mal de frente.

10

CARIDADE E VERSOS

Antigamente, eu fazia,
Em pouco tempo, a poesia
Que encantava toda a gente.
Punha nos versos, loucura!,
As ânsias da criatura
Que se dava falsamente.

A obrigação da verdade,
A partir da caridade,
Torna tudo muito cru.
Sem manto de fantasia,
Nem Eça melhor faria,
Deixando o coração nu.

É aqui que entra Jesus,
Os problemas nos reduz,
Por seus ensinamentos de amor,
Conservando, na lembrança,
Que no bem sempre se avança,
Tendo carinho ao compor.

Bem conheço as deficiências.
Estão claras as evidências
De como os versos são frágeis.
Ao reler, depois, a trova,
A visão não se comprova,
Pois parecem bem mais ágeis.

As aparências enganam,
Mas as virtudes promanam
De um pensar simples e bom.
Ao conhecer os efeitos,
Evitemos os defeitos
Por demonstrar termos dom.

Estruturadas as rimas,
Elejamos nossos climas,
Evidenciando o sistema.
Talvez não fique mui grácil,
Mas passamos que é fácil
Versejar em nosso esquema.

É só questão de tentar,
Começando devagar,
Despertando para as lavras,
Escolhendo um bom assunto
Que, ao se dispor no conjunto,
Não tropece nas palavras.

Mas não aja por política,
Não tenha medo da crítica:
Diga tudo como é.
Quem se torce co'a verdade
Do bem não se persuade:
Age sempre com má-fé.

A Jesus peça socorro,
Quando, ao subir este morro,
O coração bater forte.
A responsabilidade,
Que a séria tarefa invade,
Vai indicar nosso norte.

Vamos pensar mais um pouco,
Se algum intento mui louco
Faz perigar nosso verso.
A primeira ideia chega,
Mas não poderá ser pega,
Se o enfoque estiver perverso.

Os cuidados com a vida,
No desempenho da lida,
Devem ser do mesmo jeito.
Ir com calma no trajeto,
P'ra tudo ficar completo
E no etéreo ser eleito.

Ao cumprir sua missão,
Os amigos lhe darão
Mais afeto e mais amor.
Os laços se estreitarão;
Eis aí a salvação:
Basta um só verso compor.

No final, demonstre estima,
Por ter encontrado a rima
Que toda a culpa redime.
Abraça o povo querido,
Com ternura, comovido,
Em sentimento sublime.

E reze contrito ao Pai,
Prometendo que inda vai
Trabalhar p'ro bem alheio,
Que as estrofes que terminam
Só esta lição ensinam:
Não é o fim; é o meio.

Se você tiver talento
E quiser marcar um tento,
Ponha beleza na glosa.
Componha um trabalho honesto,
Não demonstre ser modesto,
Porém, não esteja *prosa*.

Humildade é desperdício,
Quando não remove o vício
De se julgar superior.
Quem tem o supremo dom
De manipular o som
O faça com mais vigor.

— *Contradição!* —, vão dizer.
— *Quem não tem esse poder
Não pode gerar conselho.
Se não quiser dar escândalo,
Não use cheiro de sândalo;
Mire-se antes no espelho!*

Querem provar nosso brio?
Que se aceite o desafio
E se verseje o evangelho.
Um pouquinho a cada dia,
Não fará mal a poesia
Quem terminá-la bem velho.

Esta turma aqui presente
Vem dizer ao escrevente
Que terminou o trabalho.
Mas não fique muito triste,
Pois nosso mentor insiste
Em *quebrar o nosso galho*.

Vai pedir que prossigamos
A quebrar os nossos ramos
Com o peso destes versos;
Com gracejos, travessuras,
A espantar as criaturas
— *Que cambada de perversos!*

Mas não nos queira tão mal,
Só porque, neste final,
Resolvemos amainar
A tensão que, o dia inteiro,
O manteve prisioneiro
Deste nosso mourejar.

Agradeça à cara esposa,
Que, abandonada, não ousa
Reclamar da solidão.
Tão solícita, coitada,
Dá o que tem, não pede nada,
Ou melhor, pede perdão.

Agora, vá descansar,
No recesso do seu lar,
Pondo em dia os pensamentos,
Pois quem reflete por nós

Fica mudo, perde a voz
E esmorece os sentimentos.

Não espere um grão final,
Nada forte ou *animal*,
Como se diz hoje em dia.
Um: — *Até breve, querido!*
Volte sempre, resolvido
A aturar nossa poesia.

11

TRABALHAR PELOS IRMÃOS

Quando Jesus veio ao mundo,
Um sentimento profundo
Se espraizou pelo universo.
Era o amor imaculado:
Desde o pobre ao abonado,
Ninguém havia perverso.

Mas isso durou um dia,
Pois, ao normal, voltaria
A humanidade em seguida.
Se Jesus tivesse o dom
De tornar o mundo bom,
Para que tamanha lida?

Depois que Jesus partiu,
Foi aí que o povo viu
Quanto tinha sido injusto.
É que a paz queria eterna,
Sem desfazer a caserna,
Que a virtude tem seu custo.

Até hoje esse estribilho
Passa de pai para filho
E se espalha pelo mundo.
Poucos são os que, ao contrário,
Mantêm o dever diário
E cada vez mais fecundo.

— *Eis pessimismo barato!*
Esse cara aí é chato!
Não respeita a liberdade,
Fala tanto da virtude,
Mas mantém triste atitude
Que a ninguém mais persuade.

Concordamos plenamente,
Porém, quem pensa e não mente
Deve deixar tudo claro.
Se existe quem faz o bem,
Em grande número vêm
Os que merecem reparo.

Não falamos por falar,
É que nos cabe ajudar,
Advertindo na hora.
Quem não faz ouvidos moucos
(Infelizmente são poucos)
Não joga o conselho fora.

Se Jesus voltasse à Terra
(A nossa conta não erra),
Morreria aos trinta e três,
Que o povo não tem paciência
Para ouvir sua ciência
E o mataria outra vez.

Assim morre todo dia,
Quando cada qual adia
O cumprimento da lei,
Deixando minguar à fome
Quem nem um pão só consome,
Abandonado da grei.

— *Esta gente nos assombra!* —
Diz, deitado em fofa alfombra,
Quem tem manjares supimpas.
Não sabe que o povo geme
Quando, em malocas, se espreme,
Sonhando com camas limpas.

E reclama destes versos,
Dizendo que são perversos,
Sem cadência e pobre a rima,
A mostrar as negritudes,
Para causar inquietudes,
Rejeitando a sua estima.

— *São contrários à Doutrina,*
Porquanto Jesus ensina
A perdoar todo o povo.
Mas lá se lê, na **Escritura**,
Que é dever da criatura
Buscar não errar de novo.

Fique o dito por não dito,
Se quem nos ler é bonito,
Pelas nobres atitudes.
Mas quem tem bom coração
Já nos deu o seu perdão:
Apanágio das virtudes.

Esta turma é mais guerreira:
Do abismo fica na beira,
Sem medo de despencar.
É que, p'ra ganhar petisco,
É justo correr um risco;
Mas não nos ponha em altar.

Somos pobres devedores,
A sofrer muito co'as dores
Dos incautos orgulhosos,
Que vão arder nos infernos,
Por desejarem eternos
Da matéria os doces gozos.

Humildade e compreensão,
P'ra que possa dizer *não*
Às tentações desta vida.
Na passagem pela morte,
Há que se ter passaporte
Conseguido em dura lida.

Quem chegar àquela gare,
Não espere que lhe pare
O trem da felicidade,
Se, perante os sofredores,
Por julgá-los inferiores,
Se esqueceu da caridade.

Serão tristes nossos cantos,
Não terão doces encantos,
Promessas de muita luz.
É que lembramos o Mestre,
Cujo passeio terrestre
Terminou em negra cruz.

— Não se esqueçam de Kardec,
Que a fé nos abriu em leque
De redentoras promessas!
Se aqui somos, lhe devemos,
Isso nós reconhecemos:
Em seu jogo, somos peças.

O *Espírito de Verdade*
Falou-nos da caridade,
Sem a qual ninguém se salva.
Por isso, recomendamos
Que haja frutos em seus ramos,
Sua luz seja mais alva.

Nas preces, fale baixinho,
Agradecendo o carinho
Do Pai pela criatura.
Reconheça que o trabalho
Sempre há de ser o atalho
P'ra tornar a alma pura.

Faça preces de improviso,
Demonstre que tem juízo,
Peça pelos semelhantes
E prometa, com denodo,
Modificar-se de todo,
Sempre bem melhor que antes.

Desculpe-se com Jesus,
Sinta o peso dessa cruz,
Carregue no sentimento.
Faça escorrer grosso pranto,
P'ra recuperar o encanto
Destes versos, sem tormento.

Quem se arrepende é capaz
De sentir de novo a paz,
Trabalhando com ardor;
E recebe, humildemente,
A bênção resplandecente
Que lhe envia o Criador.

12

O VALOR DOS VERSOS

As facécias da poesia
Hão de causar alegria,
Pândego entretenimento,
Mas, se ficarmos só nisso,
Não prestaremos serviço,
Neste sagrado momento.

Quando, pois, fizermos graça,
Não apenas erga a taça,
Mas veja o que está por trás.
Alegria permanente
É bom sinal de que a gente
Tem o coração em paz.

Se estamos sérios, porém,
Não quer dizer que ninguém
Usufrii felicidade.
É que o velho socorrismo
Nos leva à beira do abismo
E a tristeza nos invade.

Cavanhaque e rabo longo,

Dois chifres, no rosto oblongo,
E pontiagudas pestanas;
Um sorriso escarmentado,
Eis aí bem retratado
Quem tem as ações insanas.

Lá no Umbral existem tantos
Que não desejam ser santos
E se inspiram no demônio.
Querem meter medo à gente,
Por isso, insistentemente,
Viram tudo um pandemônio.

Eis a triste circunstância
Que deixa noss'alma em ânsia,
Na impotência do trabalho.
Como seria mais lindo,
Se, a cada serviço findo,
Alguém ganhasse agasalho!

Nessas jornadas de amor,
Aliviamos a dor
Só de quem se arrependeu.
E não podemos dizer
A quem não tem tal poder:
— *O problema é todo seu!*

Eis que o sofrimento alheio
(Não vá dizer: — *Eu não creio!*)
Contamina a nossa calma.
Toda vez que retornamos,
É preciso que façamos
Exercícios para a alma.

Depois disso, versejar

É como ir ao pomar
Colher frutos saborosos:
Brincadeira de criança,
Que, na ilusão, sempre alcança
Os mais sublimes dos gozos.

Muitas vezes, é na Terra
Que enfrentamos dura guerra
Contra espíritos malignos.
Por isso, sem refrigério,
Mantemos o tom bem sério
E os conceitos muito dignos.

Eis o princípio de tudo,
A imprimir ao conteúdo
A responsabilidade
De quem tem o compromisso
De vir prestar um serviço,
Para o bem da humanidade.

Não nos lance o seu desprezo,
Já que é comum esse vezo
Para com quem vem do etéreo.
O povo estará cansado
De se ver tão pressionado
Por quem mora em cemitério?

Nós suspeitamos que sim,
Porque, em verso tão chinfrim,
Não há que se pôr respeito.
Na opinião dos mortais,
Nós não somos seus iguais,
Que o pregar não leva jeito.

Vamos pensar em Jesus,

Que foi pregado na cruz,
Por falar umas verdades.
Depois dele, tantos santos
Derramaram tristes prantos,
Por condenarem vaidades.

As vibrações das pessoas
Podem ser ruins ou boas
E se refletem em nós.
É que somos suscetíveis,
Ao demorar nestes níveis,
De fazer eco a essa voz.

Ao ouvir cantar o galo,
Viremos p'ra lembrá-lo
Daquilo que Pedro fez.
Para muitos é alegria,
Para outros, nostalgia:
Um sentir de cada vez.

O cumprir deste dever
Dar-se-á, se compreender
Nosso amigo esta lição:
De que, com amargos versos,
Só sentimentos perversos
Perpassam no coração.

Queira-nos, pois, desculpar,
Se viemos divagar
Sobre as ditas influências.
Tempestade em copo d'água,
A provocar boba mágoa:
Há que nos dar indulgências.

Está na hora de orar,

Pois viemos devagar
E o tempo passou depressa.
Hoje o médium sai mais cedo
E nos levanta um só dedo,
Para que o tempo se meça.

Voltaremos noutro dia,
P'ra prosseguir a poesia,
Que nunca mais terá fim:
Fica o sentido das lavras,
Porém, mudam-se as palavras.
Quem estuda vê que sim.

Não há pois que se afligir,
Ó querido Wladimir,
Se não foi de seu agrado.
Agradeça ao Pai do Céu
Não ter vindo aqui ao léu:
A moeda é do outro lado.

13

NECESSIDADE DO ESPIRITISMO

Jesus pediu para o povo
Que acreditasse de novo
Nas palavras de Moisés.
Relembrando os mandamentos,
Deu sujeição aos tormentos
E os esmagou com os pés.

O povo o escutou calado,
Pois estava escravizado
Ao ódio pelo inimigo.
— *Ao perdão as primazias?*
Não dissera Jeremias
Que de Deus vem o castigo?

Era difícil a glosa:
Por que via misteriosa
Cumpriria o seu dever?
Da força o poder mantinha,
Mas fugiria da linha
De amor estabelecer.

Começou a pregação,
Demonstrando que o perdão

Atingia a toda a gente:
Evitou que lapidassem,
Fez também que se curassem,
Dos crimes indiferente.

Como punir os culpados,
Se forem regenerados
Pelas crises da consciência?
Após curar as doenças,
Para manter suas crenças,
À lei queria obediência.

Para dar o bom exemplo,
Adentrava todo templo,
A pregar seu evangelho.
E mandava respeitar
Esse sagrado lugar,
Pelo *Testamento Velho*.

A lei deviam cumprir,
Para alcançarem porvir
De paz e prosperidade.
Mas, acima desses gozos,
Seriam mais generosos,
Para toda a humanidade.

Kardec veio depois,
E, no meio deles dois,
Avulta a igreja do Papa.
E prospera, enriquecida,
A paz acaba perdida:
A antiga lei se solapa.

Em nome de Jesus Cristo,
Muito homem foi malquisto,

Sem perdão nem caridade.
As Cruzadas foram *santas*
E as cruéis fogueiras tantas
Que a igreja virou maldade.

O povo que mais sofria
Viu que, pela rebeldia,
Não iria perder nada
E chamou os poderosos,
A repartir os seus gozos:
A lei seria mudada.

Mas a *crística* doutrina
Acabou na guilhotina:
O perdão foi enterrado.
Quem sofrera o tempo todo
Julgava errado o denodo:
Dos covardes era o brado.

Houve um terrível momento
De universal desalento,
Que a moral estava em crise.
Agiriam os do etéreo,
Desfariam o mistério:
— *Quem for bom se mobilize!*

Começou o movimento,
Que, no início, foi bem lento:
Pancadinhas sob a mesa.
O homem, sempre guloso,
Viu nisso um pequeno gozo,
Desde a plebe até a nobreza.

Mas havia inteligência
A propor nova ciência:

Começava o Espiritismo.
Uma pancada era *sim*;
Duas, *não* e três, o fim.
Dos médiuns era o batismo.

Escreveram-se mensagens,
Mas poucos viram vantagens
Nos processos primitivos.
As perguntas eram tolas?
Como fazer p'ra dispô-las
Com melhores objetivos?

14

O CAMINHO DO ESPIRITISMO

— *Denizard, amigo velho,*
Vem decifrar o evangelho! —,
Pediram-lhe seus amigos.
Eram cinquenta cadernos,
Com conceitos bem modernos:
Haveria ali perigos?

Abriu-se tal perspectiva
Que essa mente tão ativa
Embrenhou-se na missão.
Estudou todo o mistério,
Descobriu que era do etéreo
Essa manifestação.

Dedicou a sua vida,
Até que a morte o convida
Ao plano superior.
Deixou seis obras completas,
Alcançando suas metas
De o Espiritismo compor.

Desde aí, não há motivo

De se dizer: — *Eu duvido*
Que haja vida mais além.
Tudo foi tão explicado,
Que, ao chegar ao outro lado,
Já não se espanta ninguém.

Mas a igreja estava atenta
E muitas razões inventa,
Para iludir todo o povo.
Trouxeram até resquícios
Daqueles antigos vícios:
O inferno abriu-se de novo.

As ideias comunistas,
No fundo, materialistas,
Fizeram a sua parte.
E, no mundo ocidental,
Começou o grande mal,
Sob o comando de Marte.

Transferiu-se o Espiritismo,
Quase perdido no abismo
Da perversidade astuta.
Sedimentou-se na terra
Em que havia horror à guerra,
Mas seguiu em sua luta.

Hoje a Doutrina se estende,
Mas o povo não compreende
Os dizeres filosóficos.
Ainda quer os sinais,
Fogos-fátuos, nada mais,
Em anseios catastróficos.

Os espíritos, porém,

Em incansável vaivém,
Mantêm aberto o canal:
Mediunismo desenvolto,
O intercâmbio está mais solto,
Mais fácil e natural.

Aguardemos que o futuro
Seja breve, nesse apuro
Da sociedade civil.
Inda agora, infelizmente,
Grande parte desta gente
Passa fome no Brasil.

A miséria não permite
Que o povo leia e medite
Sobre as lições de Kardec.
Mas existem corações
Que entendem nossas razões
E impedem que a fonte seque.

Eis aí, resumidinho,
Com muito amor e carinho,
Nosso conceito da história.
Viemos bem devagar,
Sem querer impressionar:
Não há razão p'ra vanglória.

A fase atual é triste,
Mas o etéreo não desiste
De estar do povo bem perto.
Com Moisés, foi bem assim.
Com Jesus, até o fim,
Foi pregação no deserto.

Com Kardec, a história muda:

Muita gente agora estuda
O evangelho e sua lei,
Sem desviar do princípio,
Deixando de lado o vício
De querer ser mais que o rei.

Vamos rogar a Jesus
Que nos envie mais luz,
A iluminar o caminho
Por onde iremos passar,
Para alcançar o lugar
Em que não mais haja espinho.

15

ENCARANDO O ASSASSINO

Crime de morte é um princípio
De queda no precipício
Das trevas mais perigosas.
Não há quem tenha saltado
Diretamente p'ro estado
Das virtudes mais formosas.

A vingança é um desafio,
Para provar que tem brio
Quem se sentiu ofendido.
Vai matar, por sua vez,
Mas, ao pensar no que fez,
Sempre acaba arrependido.

Aí começa o problema
Da alucinação suprema,
Porque não há refrigerio.
São anos de sofrimento,
Seja na carne o tormento,
Ou na escuridão do etéreo.

Ao se ver o sangue-frio
De quem seu irmão feriu,
A pessoa se revolta.
Mas, quando vem o tormento,
Que chega depressa ou lento,
Segura firme e não solta.

Nessa hora, geralmente,
Ninguém estará presente,
A observar o sofrer.
Apagar é impossível,
Que a memória, nesse nível,
Tem misterioso poder.

Pense em algo muito feio
Que atingiu um bem alheio,
Mesmo feito sem querer:
Um desastre numa esquina,
Uma palavra ferina,
Uns sopapos p'ra valer.

Se já faz tempo tal fato,
Descorou-se o seu retrato,
Já não há mais emoção.
Mas a lembrança que cresce
A nossa dor favorece,
Aumentando a compreensão.

Como apagar da memória,
Se já faz parte da história
De uma vida que caminha?
Impossível retornar
A esse tempo, a esse lugar,
Que tal trem não sai da linha.

O importante é refletir
Que sempre existe um porvir
E que a história se repete.
Se aprendemos a lição,
Vamos dar nosso perdão,
Multiplicado por sete.

Quem quer ir ao Paraíso
Há de criar mais juízo,
Pedindo perdão a Deus,
Ao resgatar os maus-tratos,
Com os números exatos,
Quais forem os erros seus.

Vamos voltar ao tal caso
De quem matou sem acaso,
Fazendo o que bem queria.
Será que não terá medo
De ver apontado o dedo
De sua consciência fria?

O exemplo dos criminosos
Que retornaram aos gozos
De plena cidadania
Iria mostrar que o crime
O nosso espírito oprime,
Dificultando a alegria.

Séculos de desespero
(Não pensem ser exagero)
E mais séculos de crise.
E crescente-se a vergonha:
Seu olhar não há quem ponha
Nos olhos de quem o vise.

Pela vítima, se chora,
Pelo assassino, se ora,
Pelas famílias, se pede
Que haja consolação,
Que valha a lei do perdão,
Que assim ninguém retrocede.

Onde houve uma tragédia,
Não há como ver comédia,
Mas lição a aproveitar.
Se algum fruto apodrecer,
Dele não se irá comer,
Mas há semente a plantar.

Pensemos naquela cruz
Que o sentimento conduz
Ao amor pelo inimigo.
E oremos com devoção,
Que os guias nos salvarão,
Livrando-nos do perigo.

16

CONSCIÊNCIA ADENTRO

Quando Jesus veio ao mundo,
Um sentimento profundo
De respeito superior
Envolveu todos os seres
E os convocou aos deveres,
No cumprimento do amor.

Os fenômenos mediúnicos,
Por si mesmos sendo únicos
De acordo co'a natureza,
Também causaram respeito,
Mas de diferente jeito,
Em virtude da estranheza.

Jesus falou da bondade;
Kardec, da caridade;
Ambos, do respeito à Lei.
Até hoje, a gente boa,
Muitas vezes, fala à toa,
Sem ser ouvida da grei.

Não seremos os primeiros,
Pois já houve pioneiros
A demonstrar o outro plano.
Na linguagem deste mundo,
Há quem diga: — *Eu me confundo.*
Com tão rude desengano!

— *Onde está o Paraíso*
(Estou perdendo o juízo)
Que Jesus nos prometeu?
Esse tal de Espiritismo
Diz que tudo é só abismo:
Mais parece ser ateu!

Na verdade, é mui difícil
A tese de um mundo físsil,
Na disjunção de outra vida.
Acredita a criatura
Que, para se tornar pura,
Basta vencer uma lida.

Alguns pensam que Jesus,
Por ter morrido na cruz,
Salvou toda a humanidade;
Que basta só ir à igreja,
Pois tal sacrifício enseja
Que se elimine a maldade.

Ingênuos, pobres, coitados,
Vão ficar desesperados,
Ao chegarem cá no etéreo.
Quiseram o bem eterno,
Mas enfrentarão o inferno,
Sem resolver o mistério.

Quem quiser desenvolver
Sobre a matéria o poder
Há de ser condescendente,
Compreendendo que Jesus
Se dependurou na cruz,
Para dar exemplo à gente.

É pela mediunidade
Que o Mestre nos persuade
Da existência de outra vida,
Que consiste, exatamente,
Em nada ser diferente
Da que for interrompida.

É que a pessoa de agora
Nem melhora nem piora,
Por passar do outro lado.
Acentua-se a tendência,
Fica mais clara a prudência
E o setor degenerado.

No mundo espiritual,
Cada qual com seu igual
Vai compor a sua turma.
No silêncio ou no barulho,
Na alma se dá o mergulho:
Não existe aqui quem durma.

Eis o motivo da dor:
É dado o justo valor.
Não existe falcatrua.
Quem estava acostumado
A deixar o bem de lado
Aqui se contorce e sua.

Como evitar o perigo
E conseguir um abrigo
Das terríveis represálias?
Fazendo o bem desde já.
Pois, no jardim, rosas há,
Mas há também muitas dalias.

Deus é pai mui generoso:
Quer que o povo sinta o gozo
Da total felicidade.
Mas, a fim de que a mereça,
É preciso que ofereça
Tudo o que tem, com bondade.

Para completar as lavras,
Empregando outras palavras
Com sentimento atual:
É preciso compreender
Que ninguém tem o poder
De vencer, usando o mal.

Pode até ficar mais rico,
Pondo o povo de burro,
A carregá-lo nas costas.
Cá no etéreo, é outra a fala:
Quem mandava ora se cala,
Para não ser feito em postas.

— *Somos muito generosos!* —
Dizem imersos em gozos
Os que oprimem mais o povo,
Esquecidos que a justiça
É vento que o fogo atija,
A queimar a alma de novo.

Deixemos de hipocrisia
Na leitura da poesia,
Como não fosse p'ra nós.
É no mesmo caldeirão
(Diremos todos que não?)
Que uniremos nossa voz.

Eis o nosso testemunho,
Que mais parece um rascunho
De um sermão demonológico.
Mas a verdade é bem essa:
Veja se ao dever se apressa,
Se julgar o verso lógico.

Vemos que a bandeira é branca
E que o nosso horror se estanca,
Ante comovido pranto.
Com sincero sentimento,
Mais se abranda aquele vento
E se cobre a alma de encanto.

Corramos pois com a fúria.
Pelejemos contra a incúria.
Despojemo-nos do mal.
Oremos com muito amor,
Estejamos onde for:
Salvar-nos será normal.

Se você ficou zangado
Com a turma do outro lado,
Que trouxe a sopa sem mel,
Pense estar nalguma peça
Onde a plateia lhe impeça
Desempenhar seu papel.

Vamos cá reencontrá-lo
Para meu e seu regalo,
Em futuro sempre certo,
Após algum sofrimento
Ou duríssimo tormento,
Mas sempre de peito aberto.

Então, iremos folgar,
Passeando à beira-mar,
Em tertúlias filosóficas,
Planejando outra existência,
Com total clarividência,
Sem passagens catastróficas.

Lembraremos a poesia
Que odiamos certo dia,
Por nos dizer a verdade,
Tendo triste o sentimento,
Por não amainar o vento,
Como se fora impiedade.

E pediremos a Deus
Jamais dizer-nos adeus,
Firmando nossa amizade.
Sob o manto de Jesus,
Todo o mundo se reduz
Num facho de claridade.

17

NUM MUNDO EM GUERRA

Quando Jesus veio à Terra,
Estava este mundo em guerra
Pela conquista romana.
Com ódio no coração,
Os judeus diziam *não*
À tal nação soberana.

Mas havia a liberdade
De ter religiosidade,
De acordo co'a tradição.
A conquista era serena,
Embora causasse pena
Saber existir traição.

Tinham lucros os traidores
Que não mediam as dores
Dos que eram condenados.
A vigilância era interna.
Aos romanos a caserna:
Disciplina de soldados.

E o pagamento voraz

Pelo preço dessa paz
Mantida com sacrifício,
Na distante Capital,
Realimentava o mal,
A fermentar todo vício.

Jesus cresceu no ambiente
Da revolta dessa gente
Contra o poder estrangeiro.
Viu mesmo ser deportado
Quem estava inconformado:
O romano era ligeiro.

Mas o povo ia vivendo,
Sem fartura, mas comendo,
E ninguém passava fome.
Esse é um dado material,
Mas que prevenia o mal,
Que a miséria é que consome.

A história é bem conhecida:
Jesus nos deu sua vida,
Nessa dada circunstância.
Sem medir qualquer perigo,
Quis a paz com o inimigo,
Combatendo a vil ganância.

Vamos pensar que hoje em dia
A guerra ultrapassaria
Os limites da razão.
Temos visto tanta morte
Que já não há quem suporte
A lembrança do perdão.

A hecatombe é tão terrível

Que se tem como impossível
Reverter os sentimentos.
A vingança corre solta,
Tanto que fica revolta
A turba pelos tormentos.

Se Jesus voltasse à Terra,
Estranharia essa guerra
Pelos bens materiais.
Não se respeita mais nada;
A vida é malbaratada:
Todos querem sempre mais.

O povo morre de fome,
Na cultura que consome
Por compulsão e malícia.
Disciplina não existe;
A caserna subsiste,
Como mundo de delícia.

Quem comanda tem a força.
Essa lei não há quem torça,
Que as armas ficam à mão:
— *É preciso defender*
Quem, à sombra do poder,
Escraviza o seu irmão.

O povo sofre calado
E o que vive revoltado
Pega na unha a justiça.
E corre de sul a norte,
Assaltando carro-forte,
Acendendo a vil cobiça.

O trabalho cai de moda.

Quem produz também se açoda,
Querendo logo lucrar.
Prejudica a natureza,
Envenena água e mesa:
— *Tolo é quem vai devagar.*

Nesta hora, o cristianismo
Está à beira do abismo,
Pronto para despencar.
Perdoar os inimigos
É correr sérios perigos,
Que a vingança está no ar.

Reservado, o Espiritismo
Vai enfrentar o batismo
De fogo dos testemunhos.
Quem for bom periga agora,
Pois a situação piora,
Estando atados os punhos.

Para os primeiros cristãos
Os clamores foram vãos:
Tochas humanas nos postes.
Era essa a triste luz
Com que brilhava Jesus,
No conceito dessas hostes.

Para este mundo cristão,
Morrer não é solução,
Pois já ninguém mais se importa.
É preciso ter coragem
Para levar a mensagem,
Batendo de porta em porta.

E trabalhar em surdina

Pelo bem da sã Doutrina,
Fazendo da vida exemplo,
Ajudando o irmão que sofre,
Abrindo as portas ao cofre:
Seja o coração um templo.

Que se aceite esta poesia,
Bem mais pobre em harmonia
E na feitura dos versos.
Mas que se veja a virtude
De mostrar que a inquietude
Faz seres menos perversos.

Que se arranque a erva daninha
Que, nos corações, se aninha,
Por causa desta cultura.
Que se pense no futuro,
Investimento seguro
Duma alma bem mais pura.

Se para algo valem os,
Então, não sejam extremos
Os pensamentos do ódio.
No etéreo, está reservado
Um lugar ao nosso lado,
Se Jesus ficar no pódio.

Que se agradeça ao Senhor
Ter demonstrado que o amor
É o primeiro mandamento.
E que se espere de Deus
Enviar os anjos seus,
No alívio dos grãos tormentos.

Pai de infinita bondade,

Meu coração persuade
A cumprir a obrigação.
E aceita esta minha prece,
Que de vaidade padece,
Espargindo o teu perdão.

18

AOS SOCORRISTAS

— *Graças a Deus, estou salvo!*
Há de dizer o papalvo
Que acreditar em promessas.
Para se alcançar vitória,
Há que se escrever a história
Da perversão às avessas.

Muitas vezes, a sevícia
É que esconde a tal malícia
Da compra do Paraíso.
Quem sofreu tremendas dores
Deseja ter resplendores:
Do contrário, é prejuízo.

Atender aos semelhantes,
Cada dia mais que antes,
É um sem-fim de bondade.
Quem suspender o trabalho,

Cansado do duro malho,
Interrompe a caridade.

Fazer o bem é costume
Que vai acender o lume
Das almas mais generosas.
A boa ação que se faz
Gera um momento de paz,
A se cantar nestas glosas.

Todo pensamento bom
Preserva do amor o dom
A quem segue as leis do Pai.
Equilíbrio das virtudes,
Em todas as atitudes
A humildade sobressai.

Jesus nos traz alegria
Quando adentra esta poesia
E nos fala do seu Reino.
Mas ficamos bem mais sérios
Ao revelar que os mistérios
Vão exigir muito treino.

O cansaço é natural,
Quando se combate o mal,
Dia e noite, sem parar.
Se estivermos conturbados,
Compreendamos os recados
Para irmos devagar.

Mas não façamos negócio,
Querendo trocar o ócio
Por um punhado de vícios.
Edificante leitura

Pode dar à criatura
A noção dos artifícios.

Eis o tema destes versos,
Que, embora sejam perversos,
Buscam o bem do leitor.
Enquanto o amigo medita,
Esta tarefa bendita
Demonstra que tem valor.

A partir desse conjunto,
Firmaremos nosso assunto,
P'ra ninguém ficar parado.
Nesta hora de lazer,
Vai causar-nos só prazer,
Se o poema for de agrado.

Os terríveis desenganos
Soem causar aos humanos
Desespero e ansiedade.
Nós também ficamos tristes,
Quando só ouvimos chistes,
Ao falar com seriedade.

Por isso é que os nossos versos
Vão em pessimismo imersos,
Já que a luta é quase insana.
Por melhor que imaginemos,
Falta força para os remos
E o leitor já não se irmana.

Esfolamos os joelhos,
Mas passamos os conselhos
De uma forma até infantil.
É que, p'ra se estar seguro,

Há de se livrar do apuro
Da passagem em funil.

Ao trabalhar pelo irmão,
Dê de cara o seu perdão:
São poucos que reconhecem.
Leve tudo numa boa,
Para não lutar à toa:
Tais conselhos não se esquecem.

E quando alguém compreender
A luta além do dever,
Em sacrifício sincero,
Dê-lhe apoio permanente,
Pois é raro quem intente
Prosseguir da estaca zero.

É aí que o Espiritismo
Tem de mostrar otimismo,
No plano da evolução.
Os benfeitores do etéreo
Vão levar você a sério
E as luzes reforçarão.

Denizard viu o problema
Dessa rejeição extrema
Da maioria do povo.
Mas prosseguiu sem temer,
Consciente do seu dever
De explicar a lei de novo.

Nunca pare nessa lida,
Que a persistência, na vida,
É, sim, sagrada virtude.
O desânimo de um dia

Há de tornar-se alegria,
Ao retornar a saúde.

Concluimos a poesia,
Espontânea melodia,
A demonstrar o que somos.
Agradecemos ao Pai
Por sabermos que alguém vai
Compartir os doces gomos.

19

TRIBUTO À DOR

Querido amigo escrevente,
Não queira mal a esta gente,
Por lhe chamar a atenção.
Ponha n'alma a nostalgia
Dos bons tempos da alegria
De ter Ayrton à mão.

Todo o povo chora agora,
Melhor, porém, faz quem ora
Por restabelecimento.
Feriu-se esse nosso amigo,
Sem dar conta do perigo
De correr além do vento.

Para o povo destas plagas,
Acostumado co'as sagas
Dos que buscam emoções,
A morte do companheiro
É sabida por inteiro:
Não nos causa estremeções.

Mas a vibração do povo
Faz despertar-nos de novo
Para a sensação do nada.
É que a terrível saudade
Nosso peito agora invade,
Coração em disparada.

Quem tem amor corre o risco
De não ver em seu aprisco
As entidades queridas,
Levadas pelo destino,
Às vezes, no desatino
Dos desencontros de vidas.

Quem consegue, na lembrança,
Sentir que o progresso avança,
Quando se fez só o bem,
Vai orar com devoção,
A pedir por proteção,
Que um bom despertar se tem.

Sentimos que, em todo o mundo,
Essa morte tocou fundo
O sentimento da gente.
Mas a dor foi controlada;
Uma passagem forçada:
O amigo prossegue em frente.

E nos ficou a lição
De ampliarmos a missão,
Pela nobreza do gesto.
Ser honesto, firme e forte,
Vai colocar claro o norte,
Sem causar nenhum protesto.

Ser responsável na vida
Há de incluir a saída,
Sob o amparo dos demais,
Muitas vezes, é loucura
Desprezar a criatura
Os temores naturais.

Julgamos ser covardia
Não indicar, na poesia,
Um erro de julgamento.
Quem possui maior vivência
Deve passar a experiência
Para o irmão ficar atento.

Todos nós, quando chegamos,
Colhemos o que plantamos,
Após séria revisão.
Por cumprir os compromissos,
Recebemos mais serviços:
Alegra-se o coração.

Se, no entanto, fraquejamos,
Se vazios os nossos ramos,
Ou de males carregados,
Nossa consciência nos pesa
E, nesse caso, a lei reza:
Os remorsos são dobrados.

Eis aí, meu caro amigo,
O que dispõe esse artigo
Da constituição do etéreo.
Quem se sujeita a essa vida
Deve trazer prevenida
A alma para o mistério.

Para a imprudência do irmão,
Estipule que o perdão
Há de ser dado por Deus;
E pela própria consciência,
Quando vencer a insistência
Da dor que causou aos seus.

E controle o triste pranto,
P'ra não causar desencanto
Em quem confia no Pai.
A justiça superior
Sabe bem quem tem valor
E premiar o amor vai.

Não onere quem partiu,
Dizendo que nunca viu
Nenhum sentido na vida,
Pois Jesus, quando morreu,
Aos amigos prometeu
Dar continuidade à vida.

Nosso amigo Ayrton Senna
Bem queria fosse amena
A lembrança da passagem.
Vamos pensar nele vivo,
Trabalhando muito ativo,
Com fé, amor e coragem.

Oremos p'ra que consiga
O galardão nessa briga
Contra os desesperos d'alma.
Que, no Céu, receba o louro,
Champanha em taça de ouro:
Do evangelho leve a palma.

20

A POESIA MEDIÚNICA

Queridíssimo escrevente,
Eis-nos aqui, frente a frente,
Com vontade de escrever.
Deixe a mente bem aberta,
Que é como o espírito acerta
O caminho do dever.

Não queira ir mui depressa.
Sempre assim, vai bem à beça:
Dá até p'ra corrigir
O que nos vai na cabeça
Que, de outra forma, apareça
Na mente do Wladimir.

Conhecer mediunidade
Não é só curiosidade,
Pois tudo se faz na prática.
Para falar, basta ouvir,
Mas quem quer bem se exprimir
Há de estudar a gramática.

Este é o exemplo que damos,
Frutos a vergar os ramos,
Mui facilmente *colhíveis*.
Se a raposa cá estivesse,
É provável que não desse
As desculpas desprezíveis.

O segredinho da gente
É ver quando o médium sente
Que ficou completo o verso.
Estando dentro do tema,
Não julgamos ser problema
Vocabulário diverso.

Às vezes, o nosso médium,
Dado o assunto, sente tédio
E julga o texto vulgar.
Aí pensa ser injusto,
À vista do grande custo,
Cá ficar a se esfalfar.

Esse verso, logo acima,
Contém interna uma rima,
Defeito do versejar.
Nosso amigo, contrafeito,
Pede-nos que demos jeito
De trocar o verbo em **-ar**.

A repetição, contudo,
Tendo em vista o conteúdo,
Não paga a pena alterar.
Insistimos mais um pouco,
Sem fazer ouvido mouco,
P'ra retornar ao lugar.

Fica o amigo contente
Com a facécia da gente,
Agradável brincadeira,
Mas pergunta se esse gozo
Contém algo valioso
Que algum meditar requeira.

Claro está que tudo aqui
Leva a dizer: — *Compreendi*
A razão deste poema:
É mostrar a todo o mundo
Quanto pode ser profundo
O desdobrar deste esquema.

Pegue o amigo numa pena
E veja se alguém lhe acena
Com certos versos porretas.
Não queira contribuir;
Faça como o Wladimir,
Nestas rimas *maledetas*.

No comecinho, é difícil:
Chega-se a erguer edifício
Sobre bases muito rústicas.
Aperfeiçoando o som,
Vamos demonstrar o dom,
Em rimas bem mais acústicas.

Toda tentativa é válida,
Quando a sensação é cálida,
No amor que se quer passar.
É aí que o edifício
Vale qualquer sacrifício,
Mesmo sendo a rima em **-ar**.

Como n'arte destes versos,
Tudo tem os seus reversos:
É preciso observar.
Quem as coisas faz com graça
Mostra que um roteiro traça,
Passo a passo, devagar.

Quando o tempo é bem medido
E o trabalho repartido,
Fica fácil para o médium,
Que, embora ralhe co'a rima,
Mantém sempre sua estima,
Aceitando o nosso assédio.

Eis as regras da poesia,
Que, por certo, alguém daria
Bem melhor se fosse em prosa.
Da forma que dispusemos,
Muitas concessões fizemos,
Pois o metro aqui se dosa.

O coitado do escrevente
Cá esteve, frente a frente,
Com a mente sempre aberta,
Concordando que a vontade
De escrever o persuade
A ver se esta turma acerta.

Mas ficou desconcertado,
Ao se ver posto de lado,
Que a influência foi estranha:
Quando pensa em alfa, é beta;
Quando lembra a curva, é reta;
Quer o plano, tem montanha.

Eis aí a caridade
Que o seu coração invade:
Qual bem é mais valioso?
A facécia se desfaz,
Quando é maior esta paz,
Na plenitude do gozo.

Resta apenas a oração
E um pedido de perdão,
Se nem tudo é de bom gosto:
— *Senhor, nós agradecemos*
Os rudes calos dos remos
E a proteção deste posto.

21

À REVELIA DO MÉDIUM

Querido amigo leitor,
Aceite-nos com amor,
Nesta jornada poética.
Ao perdoar nossos versos,
Que nós sabemos perversos,
Não mantenha a alma cética.

Saiba que temos tutano,
Pois, sai ano e entra ano,
Rimar se torna virtude.
A turma é tão numerosa
E tão pouca a nossa glosa,
Que o volume até ilude.

O nosso amigo escrevente
Toda dúvida que sente,
Desabrido, põe na rima,
De uma forma tão sagaz
Que parece ser capaz
De fazer uma obra-prima.

Mas não pense em animismo:

É de puro mediunismo
Que se fazem estas trovas.
O que dissemos acima,
A respeito desta rima,
São simples testes ou provas.

Ao mexer com nosso médium,
Queremos dar-lhe o remédio
Para os sintomas do medo.
Ao apanhar a mensagem,
Está longe na viagem,
Saltitante, alegre, ledo.

Sendo assim, um dedo em riste
Fica sendo bem mais triste,
Que o médium fica de fora.
Quando lê os versos fracos,
Com sentimentos opacos,
Ao Senhor por nós implora.

Mas isto acontece pouco,
Pois, quase sempre, está louco
P'ra nos pôr em pedestal.
Na hora em que se aproxima
Nossa derradeira rima,
Tudo vê sensacional.

Perceberá o leitor,
Por mais prático que for,
Que existe prazer no verso,
Mesmo sendo tão simplório,
Tão triste quanto velório,
Em fraquezas submerso?

Jamais fique quedo ou pasmo.

Aumente seu entusiasmo.
Comece a escrever poesia.
Caso tenha alguma verve,
O sentimento conserve,
Configurando alegria.

Se, ao contrário, for bem sério,
Defunto no cemitério,
Sisudo, calado, frio,
Faça versos com vontade:
Quem sabe você se agrada
De ser tocado em seu brio.

E não queira vir com pressa:
A inspiração nunca cessa,
Caso fique concentrado.
Verso a verso vai saindo,
Um poema quase lindo:
Quando nada é improvisado.

Faz apenas uma hora
Que esta imantação vigora
E uma dúzia completamos.
Viemos bem devagar,
Desejando não falhar:
É sempre assim que pensamos.

Há quem venha mais veloz,
Pondo susto em todos nós
Pela eficácia da rima.
Quanto mais estudo tem,
Mais a trova fica bem,
Mais ameno faz o clima.

Nossa maneira diverge.

É que a trova agora emerge
Das profundezas da alma.
Um ou outro verso em **-ão**,
P'ra rimar com coração:
Sendo assim, há que ter calma.

Simplicidade é falácia.
Sempre é boa alguma audácia,
Numa imagem colorida.
É bem triste a causa dela,
A desbotar, amarela,
Mentalidade falida.

Coragem, caro, coragem,
Neste início de viagem,
Pois nem tudo sai perfeito.
Há que pensar no futuro,
Após trabalhar bem duro,
Coração batendo ao peito.

Cobra-nos o caro médium,
Que foi forte o nosso assédio,
Sem falarmos do evangelho.
E desconfia que a rima,
Como muito bem estima,
Não há que fugir de *velho*.

Eis o exemplo procurado
Do imperfeito que foi dado
Como certo no começo.
Basta pensar em Jesus,
Que o nosso verso reluz,
A virar o erro do avesso.

Nossa melhor atitude,

Nos conformes da virtude,
É mostrar perseverança.
Amor, bondade, justiça
E tudo o mais que se atija,
Com trabalho é que se alcança.

Agradeçamos ao Pai,
Se algum bem é que se extrai
Desta mal traçada linha.
Com um sorriso no rosto,
Vamos deixando este posto:
O cansaço se avizinha.

Queremos ver nosso amigo
Enfrentando este perigo,
Com denodo e valentia,
Pedindo a Jesus que traga
Muita luz p'ra sua saga
E cor p'ra sua poesia.

22

DECIDA-SE PELOS VERSOS

Se você se decidir,
Como fez o Wladimir,
A colaborar conosco,
Irá ver que é muito fácil
Conseguir um verso grácil,
Jamais caindo em enrosco.

Para quem conhece a rima,
Há de escrever logo, em cima,
Sem titubeios de monta.
Faça como este escrevente,
Que, de tanto estar co'a gente,
Dos versos perdeu a conta.

A prosa metrificada
Quase não nos custa nada,
Só um pouco de atenção.
E, se o verso é redondilha,
Não há nenhuma armadilha:
Sete sílabas na mão.

Se encontrar algum poeta,

A poesia sai completa,
Com tema, metro e emoção.
Aí o trabalho dobra,
Pois o cuidado da obra
Exige mais perfeição.

Nossa pretensão é pouca.
É como se fosse rouca
A voz de quem vai cantar.
Quando queremos mais luz,
Apelamos p'ra Jesus,
Junto aos pés do seu altar.

Já falamos da virtude,
Já causamos inquietude,
Dando as regras do evangelho,
Mas sem grandes pretensões,
Pois não temos ilusões:
Seguro morreu de velho...

Sendo assim, não tenha medo:
Isto tudo é só arremedo
Do que se chama poesia.
É uma forma diferente
De se dizer o que sente,
Seja dor, seja alegria.

Referimo-nos ao tema,
Um apenas por poema,
Que o nosso fôlego é curto.
Mas são tantos os que tentam,
Tantos são os que inventam,
Que até parece ser surto.

Se você for exigente,

Vou dizer-lhe: — *Experimente,*
Já que não custa tentar.
Se julgar ser tudo tonto,
Pare no primeiro ponto:
Nada, então, vai adiantar.

— *Por que toda esta folia,*
Se o povo não quer poesia,
Pois não serve para nada?
Será por pura vaidade
Que a turma nos persuade
A fazer o que lhe agrada?

A pergunta tem sentido,
Mas, se pensar eu duvido
Que veja vaidade em nós.
Já dissemos, desde cedo,
Que estamos cheios de medo
De deixar exemplo atroz.

Precisamos de exercícios,
Para eliminar os vícios
Que trouxemos dessa Terra.
Contenção e disciplina,
Ao estudar a Doutrina,
É tudo que o verso encerra.

Como marca registrada
Deixamos assinalada
Uma rima nestes versos,
P'ra que fique declarado
Que jamais quedou de lado
A certeza de perversos.

Sendo assim, não recrimine.

Caso saiba, a nós ensine
Essa arte superior,
Pois temos sofrido tanto
Com este sofrível canto
Para lhe darmos valor.

Tudo na vida é assim:
Rude trabalho sem fim,
Com resultado pequeno.
É que custa evoluir,
Quando se quer que o porvir
Nos seja bastante ameno.

Comece bem devagar,
Mesmo com rimas em **-ar**,
Combinando co'as em **-ão**.
Para ter mais qualidade,
Tenha paciência de abade,
Sempre pronto p'ro perdão.

Mas não se engane conosco,
Que fazemos verso tosco
Para lhe dar um exemplo.
Para nós, esta poesia
É o melhor que se diria
Ao Senhor, dentro do templo.

Se não ganhamos a palma,
É que é simples nossa alma
E nos damos por inteiro.
Futuramente, quem sabe,
Nossa estrofe aqui se acabe
Para um mote mais maneiro.

Ter noção do seu problema

Pode ser o melhor lema,
Para esta fase da vida.
Quem bem conhece a si mesmo
Jamais há de andar a esmo,
Nem errar durante a lida.

Peça ajuda ao benfeitor,
Agradecendo ao Senhor
Por qualquer coisa que faça.
Com certeza, no futuro,
Há de estar bem mais seguro,
Fazendo jus a uma graça.

Pai de infinita bondade,
Esta alma persuade
A trabalhar com denodo.
Dá-lhe mais fé e esperança.
Mostra-lhe como se alcança
O bem do amor como um todo.

23

UM EXEMPLO

Quando temos muitos anos
E a vida não tem enganos,
Há felicidade em nós,
Pois deuses somos, às vezes,
Gentis, pacatos, corteses:
Não se altera a nossa voz.

É que aprendemos, na luta,
Onde vale a força bruta
De quem quer nossa ruína.
Se formos bem avisados,
Não ficamos exaltados,
Cumprindo à risca a Doutrina.

É o exemplo de Jesus
Que, pela vida, conduz
Os melhores dentre os santos.
Se ainda somos novatos,
Não se aceitam desacatos:
Eis como se perdem tantos.

Na sociedade de agora,

Só tem valor quem explora
O trabalhador mais pobre.
Há muito riqueza, então,
Que contenta o coração,
Desde que os seus bens redobre.

Foi Jesus quem disse, um dia,
Que o rico não entraria
Nas terras do Paraíso.
É certo que a redenção
Pode alcançar esse irmão,
Mas só se tiver juízo.

A reencarnação faculta
Que a mente se torne adulta,
Ao lhe tirar a fortuna.
Transformado em pobretão,
Se der à sorte perdão,
Talvez virtudes reúna.

Mas, falando ao encarnado,
Teremos exagerado
O processo causa-efeito.
Para melhorar agora,
A lei que sempre vigora
Só o bem que seja feito.

P'ra dar conta da riqueza,
Exigem-nos a proeza
De não sermos usurários.
Mas, se dermos fim a ela,
Enquanto existir favela,
Vão chamar-nos perdulários.

Se Jesus nos disse, um dia,

Que, no Céu, não entraria
Quem magoasse o irmão,
Ao mostrar-nos o caminho,
Esquecendo a cruz e o espinho,
Deu-nos a lei do perdão.

A quem deseja escrever,
Para cumprir o dever,
Por sentir mediunidade,
Demos claro exemplo acima
De como se faz a rima,
Sem excessos de vaidade.

A partir de nosso Mestre,
Grave problema terrestre
Resolveu-se na Doutrina.
Não se perdeu nosso médium,
Nas tristes brumas do tédio:
Eis que tudo se combina.

Para o seu sentir nervoso,
Foi até muito moroso
O apanhado destes versos.
Levamos uma hora e cinco
E, embora não seja um brinco,
Também não estão perversos.

Marcando o tempo que gasta,
O leitor sabe que basta
Concentrar-se p'ra escrever.
Naturalmente, a poesia
Não é o médium quem cria:
Quem terá esse poder?

Há gênios, aí na Terra,
Que enfrentam a mesma guerra,
Com muito mais descortino.
Enquanto um só verso faço,
Ele monta um calhamaço.
Exaltando a vida em hino.

Por ter tal capacidade,
Com suas forças invade
O território das Musas.
E as encanta tão depressa
Que abençoam sua peça,
Jamais pensando em recusas.

Se você quiser ousar,
Nós iremos ajudar:
Ponha fé na inspiração.
Faça um pouco a cada dia,
Tenha como exemplo e guia
O bem da reencarnação.

Quem era rico morreu;
Depois, pobre, renasceu,
No ciclo da evolução.
O rico empobrece aí;
O pobre enriquece aqui:
Eis a última lição.

Analise estas palavras.
Examine as nossas lavras.
Veja que temos razão.
Basta apenas decidir,
Para desfrutar porvir
De feliz realização.

Nesta hora derradeira,
Queira você ou não queira,
Chegamos ao fim dos versos.
Mas deixamos um aviso
P'ra quem pensa em prejuízo:
Há resultados diversos.

Senhor Deus, aceita a prosa,
Que é bem isso a nossa glosa,
Simples versos de amadores.
Abençoa os que se dão
Com amor no coração,
Aceitando os teus penhores.

24

OUTRO EXEMPLO

Quando Jesus veio ao mundo,
Um sentimento profundo
Se espraiou pelo Universo.
Aqui nós, modestamente,
Vamos dizer o que sente
Quem elaborou o verso.

Piedade e amor, sobretudo,
Vendo que foge do estudo
Quem está melhor dotado.
Os anseios da matéria
Não fazem ver a miséria
Do que está do outro lado.

Quem me dera fosse injusto,
Fosse mais penoso o custo
Dos desarranjos morais.
Haveria uma saída,
Na acusação desabrida,
Ao se verem desiguais.

Muitos pensam bem assim,
Mas, p'ra colocarem fim
Aos suplícios de su'alma,
Têm de dar voz à consciência,
Reconhecendo a falência
De quem não age com calma.

Quando Jesus se encarnou,
Pelo universo ecoou
Um cântico de esperança.
Os anjos cantaram hinos.
Soaram todos os sinos.
A fé nascia criança.

Em resposta à tal piedade,
As mãos da malignidade
Urdiram terrível trama,
Condenando a morte horrenda
Os petizes, na oferenda
Que o temor do rei reclama.

A humanidade ainda escuta
Os rumores dessa luta,
Nas profundezas do Umbral.
São passados dois mil anos
De enganos e desenganos,
À sombra de tanto mal.

Quem se livrou desse carma,
Quem por amor não se alarma,
Ajudando os infelizes,
Sabe bem que foi Jesus
Quem lhe deu tão forte luz,
Para vencer suas crises.

Generosidade é praga,
Quando se compreende a saga
Na busca da perfeição.
Tudo o que se tem se dá,
Que a felicidade está
Em ver feliz seu irmão.

Aí, a bênção do Pai
Por sobre todos descai:
É Jesus voltando à Terra,
Que, encontrando muita paz,
Mostra ao povo que é capaz
De pôr fim à antiga guerra.

As profundezas do Umbral
Vão esquecer-se, afinal,
De que foram habitadas.
Nas esferas superiores,
Esplendorosas de amores,
As almas são exaltadas.

Eram bem esses os cantos
Que se tornaram em prantos,
Pela tremenda maldade.
Mas resta-nos a esperança,
Nesta fé inda criança,
Nutrida de caridade.

Quem quiser continuar
Pode seguir devagar,
Desenvolvendo esse tema.
Todos nós, neste serviço,
Assumimos compromisso:

Assim não há o que se tema.

Ao sentir a brincadeira,
(Mesmo quando não se queira)
No reajuste dos termos,
Vá pensando que a poesia
É bom campo p'ra alegria:
Não há que brincar nos ermos.

Fica mais leve a palavra,
Bem mais sutil esta lavra,
Noss'alma se desafoga.
Desanuvia o escrevente,
Esfria o que estava quente:
Para a dor, o verso é droga.

Antes de sair do posto,
Queremos ter inda o gosto
De deixar a nossa marca.
Nosso médium diz: — *Perversos,*
Não existem outros versos?
Não se cansam da fuzarca?

Que acha o amigo do clima
Causado por essa rima,
Que se repete cansada?
Pensa ser incompetência,
Ou teste para a paciência?
Ou, então, não acha nada?

Releia a primeira parte.
Veja se ali houve arte,
Na apresentação do mote.
Estabeleça os valores:

Se encontrar alguns primores,
Tal procedimento adote.

Se achar inútil o texto,
Veja nele só o pretexto
Para o estímulo do verso,
Que, nesta segunda parte,
Sofre com crise de enfarte,
Pois o *élan* está disperso.

Vamos suspender a pena,
Que o relógio nos acena
Para outra atividade.
Quem é que não gostaria
De ficar só na poesia,
Inchando-se de vaidade?

Vamos servir aos irmãos,
Para que não sejam vãos
Os clamores contra o mal.
Talvez façamos bem pouco,
Mas fazer ouvido mouco
Será erro essencial.

Queira Deus não seja essa
A falha que se processa
Na alma do nosso amigo.
Se assim for, que nos perdoe,
Pois queremos que ressoe
Este aviso de perigo.

25

A FELICIDADE DO VERSO

A perfeição, neste mundo,
Pressupõe seja jucundo
O sentimento da alma.
Caso falhe a nossa estima,
Não vai adiantar a rima,
Pois do bem não leva a palma.

A alegria é de rigor,
P'ra quem age com amor,
Em nome de Jesus Cristo.
Que maior felicidade
O coração nos invade,
Ao ser pelo Pai benquisto?

Serenamente, na vida,
Se a virtude é bem sabida,
As bênçãos descaem do Céu.
A família canta em coro,
Sendo supremo o decoro,
Pois já não cabe escarcéu.

Privilégio de escrevente,

Ele é o primeiro que sente
As emoções cá do etéreo.
Percebe o momento grave
E já não quer que se entrave,
Quando o defeito é bem sério.

Ao terminar o trabalho,
Já não existe espantinho:
O jeito é seguir adiante.
Se o poema está caduco,
Não deve ficar maluco,
Pois não há jeito que adiante.

Quem recebe esta poesia
Há de sentir alegria,
Como se fora abençoado.
Que tal o amigo leitor
Algum poema compor,
Para ter-nos ao seu lado?

Pode ser que fique torto,
Inexpressivo, até morto,
Com a métrica quebrada.
Pode ser que o sentimento
Apenas gere tormento,
Mas sempre é melhor que nada.

Ao ler a nossa poesia,
O entusiasmo logo esfria,
À vista da perfeição?
Ou a causa é diferente,
Pela perfeição ausente,
Por força da rima em **-ão**?

Eis que os extremos se unem

E, sem querer, eles punem
Os infelizes poetas,
Que trazem as trovas prontas,
Fazendo na mente as contas,
Para passá-las completas.

Não veja nesta mensagem
O conteúdo-chantagem
De quem se faz de coitado.
O remorso corre solto,
Quando o verso fica envolto
Em malícia de malvado.

Queremos que nos ajude
Quem considera virtude
A relação entre os planos.
Se não houver concordância
No critério da importância,
Evitaremos enganar.

A prudência é compreendida,
Se não há prazer na lida:
Este princípio é bem velho.
Há que voltar aos estudos,
Para ganhar conteúdos:
Absorção do evangelho.

Mas quem chegou até aqui,
Afirmando: — *Compreendi*
O que se espera de mim. —,
Vai perdoar a insistência
Contra tanta inconsistência.
Ponha no temor um fim.

Deus nos livre de fazer

O bom amigo sofrer,
Pela frustração da rima.
Se tentar, sem conseguir,
Faça como o Wladimir,
Que o mau verso legitima.

Participação bem-vinda
É a que nos torna mais linda
A estruturação dos versos.
As palavras planejadas,
Às vezes, ficam caladas,
Mas os sons não são perversos.

Mecanização da escrita
Não faria mais bonita
A poesia deste povo.
Só ao gênio adiantaria,
Pois é quem conseguiria
Compor só poema novo.

Nós, quais bobas borboletas,
Tendo as asas muito pretas,
Pelos jardins voejamos.
Espairecendo os volteios,
Crendo belos, sendo feios,
Pousamos nos altos ramos.

Mesmo assim, somos felizes,
Pois firmamos as raízes
Não no belo, mas no bem,
Pois versejar, cá no etéreo,
O que exige de mais sério
É a mensagem que contém.

Ao se amar o semelhante,

Leva-se o projeto adiante,
Sem notar os sacrifícios.
Poetar só compromete
Quem quer receber confete.
Mas essa linha é dos vícios.

Para ser bastante honesto,
Há também que ser modesto,
Mesmo quando fraca a rima.
Quanto mais for generoso,
Bem maior será o gozo,
Que estima promove estima.

Já são tantas as sextilhas;
De estrofes são tantas pilhas
Que o volume nos assusta.
É cansativo o trabalho,
Mas quem nos dá o agasalho
Diz que bem pouco lhe custa.

Para apanhar a poesia,
Duas horas cada dia,
Cinco dias na semana,
Traz feliz seu coração,
Mas não pela perfeição,
Porque conosco se irmana.

Agradeça a mesma luz
Quem pelo amor se conduz,
Embora não faça rima.
Uma leitura serena
Com a verdade lhe acena,
Ao se envolver neste clima.

E quem ao Pai agradece

Sabe de cor bela prece,
Que só no coração diz,
Desejando que a ventura
Vá a cada criatura,
Tornando o mundo feliz.

26

ÚLTIMO PEDIDO

Caso já esteja cansado
De ver tanto *reprimado*
O tema por muitos dias,
Ponha os temores de lado
E, com ardor redobrado,
Comece a escrever poesias.

Veja que multiplicamos
As estrofes que bolamos,
Com certa desenvoltura.
É para dar-lhe a certeza
De que, junto à sua mesa,
Vai ser boa a sementeira.

Hoje é a derradeira vez
Das rimas deste jaez,
Pois nós também nos cansamos.
Tem um preço a persistência:
Pressupõe que haja paciência,

P'ra termos frutos nos ramos.

Já fizemos nossa parte,
Sem nenhum engenho ou arte,
E aguardamos por você.
Não ouvirá nossa voz,
Mas não ficará a sós,
Que o médium na mente lê.

Ao se esgotar este assunto,
Reviramos o bestunto
À procura de mais rimas,
Pois não queremos deixar
De forma triste o lugar
Onde sentimos estimas.

Conhecida esta lição,
Já não mais dizemos *não*
A qualquer dos semelhantes.
Não demos todas as *dicas*
Nem nossas rimas são ricas,
Mas são melhores que antes.

Caso se cite Jesus,
Far-se-á de pronto a luz,
Evangelho obrigatório.
Na busca da redenção,
Existe a lei do perdão:
Magnífico zimbório.

Quase largamos a pena,
Para soprar doce avena:
Viver na flauta é melhor.
Mas a rima p'ra serviço
Mais perfeita é compromisso:

É bom sabê-la de cor.

Nunca deseje demais.
Se atracar em pobre cais,
Veja nele um bem supremo.
Conserte as velas rompidas;
Revise as cartas das lidas;
Examine cada remo.

Se for rico esse seu porto,
Faça rimas com conforto,
A esmerar-se nas figuras.
Espelhe-se nos mais velhos,
Que iam aos ***Evangelhos***
E às demais ***Escrituras***.

— *Esse conselho é p'ra médium,
Ou se trata de um assédio
À inspiração das pessoas?
Preparação permanente
É o que favorece à gente
Mediunidade das boas.*

Leia os livros de Kardec,
Que a visão se abre em leque,
Pelos pontos da Doutrina.
O verso, além de mais grácil,
Há de se escrever bem fácil,
Que é isso o que mais fascina.

Passada a primeira hora,
Se a inspiração não vigora,
Pare um pouco para orar.
O compromisso da gente
Não pressupõe que se invente,

Ao ditado se apanhar.

Queremos que colabore —
Inda mais — que nos explore
Quem nos deseja auxiliar.
Mas que seja inteligente,
Pois se percebe que mente
Quem rima em nosso lugar.

Sendo assim, só contribua,
Se sentir que a vez é sua,
Pensando na melhor rima.
Dê mais tempo a quem poeta,
Pois quem tem luzes de esteta
Está sempre um ponto acima.

Graças a Deus, cá chegamos,
Uvas maduras nos ramos,
A raposa alimentada.
Agradecemos ao Pai,
Sabendo que agora vai,
Pois não nos falta mais nada.

Amanhã entra outra gente,
Mais sabida e experiente,
Poetando de outra forma.¹
O tempo é pai da paciência;
A vida é mãe da obediência:
Vai ser outra a plataforma.

Já se pensou, caro irmão,
Recebendo a informação
Que passamos para o médium?

¹ A forma dos que se seguiram foi o soneto, que foram reunidos em *Sonetos de Caridade*. Em setenta e dois dias, foram ditados mais de trezentos e cinquenta poemas.

Irá julgar sem valor,
Ou não terá onde pôr
A alegria desse assédio?

A vida dá tanta volta,
Até que a mente se solta
Para o espaço das esferas.
Nesse momento, é preciso
Que se tenha mais juízo,
Que não se perca em quimeras.

Como último arremesso,
Vim dizer que não me esqueço
De agradecer ao Senhor.
Sua proteção é tanta
Que a turma toda se encanta,
Na rima feita de amor.

Perdoe o nosso irmãozinho
Não tratá-lo com carinho,
Apesar da dor nas costas.
Se nos permitir brincar,
Respeitando este seu lar,
Vamos dizer que *tu gostas...*

Faça você bela prece,
Pois todo final carece
Que se agradeça ao Senhor.
Em nome de Jesus Cristo,
Tenha o povo por benquisto:
Seja nosso benfeitor.